

O mundo está em construção. Eis a verdade fundamental que há que entender, e entender de tal modo que ela se torne a forma habitual, natural, do nosso pensamento. [...] No decurso dos séculos, à nossa volta um plano de conjunto parece verdadeiramente estar em vias de realização. Algo se passa no Universo que só poderíamos comparar a uma gestação e a um nascimento: o nascimento da realidade espiritual formada pelas almas e pelo que de matéria elas arrastam consigo. Laboriosamente, através e a favor da actividade humana, congrega-se, destaca-se e refina-se a nova Terra. [...] O mundo, visto à nossa escala, é um imenso tateamento, uma imensa busca, um imenso ataque: os progressos não se podem fazer senão à custa de imensos insucessos e de incontáveis feridas. Os sofrimentos, seja qual for a sua espécie, são a expressão desta condição, austera, mas nobre. [...] Qual a parte mais especialmente vocacionada a sublimar, a espiritualizar, o trabalho geral da progressão e da conquista? Os contemplativos e os «orantes», sem dúvida, mas também, muito certamente, os doentes e os que sofrem. Por natureza, por compleição, os que sofrem encontram-se como que expulsos de si mesmos, levados a emigrar para fora das formas presentes da Vida. Não serão eles, desde logo e pela sua própria condição, predestinados, eleitos para o trabalho que consiste em fazer elevar o Mundo acima da fruição imediata, em vista a uma luz sempre mais elevada? [...] Jesus crucificado não é nem um rejeitado nem um vencido: Ele é, pelo contrário, Aquele que carrega o peso e faz convergir sempre mais para o alto, para Deus, o progresso da marcha universal. Façamos como Ele, a fim de, em toda a nossa existência, ficarmos unidos a Ele.

Teilhard de Chardin, «La signification et la valeur constructive de la Souffrance»,
1 de abril de 1933, OC, T.6, p. 61-66